



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

SARAH THAYSA CORREIA TEODÓSIO

A FARDA, O FARDÃO E A FAMA: um estudo sobre os casos de preconceito e a popularização do fardamento das escolas estaduais da rede pública de ensino do estado de pernambuco

CARUARU

2024

SARAH THAYSA CORREIA TEODÓSIO

A FARDA, O FARDÃO E A FAMA: um estudo sobre os casos de preconceito e a popularização do fardamento das escolas estaduais da rede pública de ensino do estado de pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabiana Moraes

Caruaru

2024

SARAH THAYSA CORREIA TEODÓSIO

A FARDA, O FARDÃO E A FAMA: um estudo sobre os casos de preconceito e a popularização do fardamento das escolas estaduais da rede pública de ensino do estado de pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social do Campus Agreste
da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, na modalidade de monografia,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em: **21/03/2024**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Moraes (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ricardo Augusto De Sabóia Feitosa (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Emmanuel Bento do Nascimento (Examinador Externo)

Jornalista

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

TEODÓSIO, SARAH THAYSA CORREIA .

A farda, o fardo e a fama: um estudo sobre os casos de preconceito e a popularização do fardamento das escolas estaduais da rede pública de ensino do estado de Pernambuco / SARAH THAYSA CORREIA TEODÓSIO. - Caruaru, 2024.

57 p. : il., tab.

Orientador(a): FABIANA MORAES DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2024.

1. Netnografia . 2. Celebritização. 3. Uniforme escolar . 4. Fama . I. DA SILVA , FABIANA MORAES. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Para minha mãe, meu pai
e minha avó mais querida,
meus sinceros agradecimentos por
todo apoio, amor e carinho.
Amo vocês. Sempre.

AGRADECIMENTOS

Com minha mãe aprendi que a gratidão é um dom e não poderia deixar de agradecer a todos que contribuíram nesta longa jornada que foi concluída no seu próprio tempo. Deus, pela tua infinita misericórdia e bondade na minha vida serei eternamente grata, por tudo que sei e o que não sei. Não poderia deixar de mencionar a minha família aqui neste trabalho, quando caí, me levantaram, quando chorei, minhas lágrimas secaram. Mãe, obrigada por todo esforço, obrigada por aguentar a minha adolescência, obrigada por me ajudar a seguir o meu sonho. Pai, obrigada por ser o melhor pai do mundo durante os 16 anos em que estivesse aqui, você faz muita falta. Vó, obrigada por me mostrar que o amor é maior do que qualquer genética, obrigada por me escolher pra ser sua neta, te amo desde que te vi na maternidade e assim que esse diploma sair colocaremos ele na sua parede com todo amor do mundo. Obrigada também a Ana Paula, por aparecer com dois pacotinhos que me tornaram tia e aqui agradeço também a Antonio e Calebe por alegrarem meus dias. A toda a minha família do coração (Júlio, Daniel, Suely, primos e primas), agradeço pelo espaço cedido e por tanto amor compartilhado. Por último e não menos importante neste bloco familiar agradeço ao meu amigo, companheiro e namorado por todo amor e auxílio, obrigada Antonio.

A vida nem sempre funciona do jeito que a gente quer, eu não queria ter escrito um texto tão repetitivo mas me senti na obrigação de escrever cada obrigada e obrigado, porque sei o quanto todos aqui mencionados foram importantes não só para a realização deste trabalho mas também para a minha formação individual. Não poderia deixar de agradecer a grande responsável por esse projeto ter saído da sala de aula para a biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco, Fabiana Moraes, obrigada por me ouvir quando necessário e por me dar todos os conselhos e orientações para que eu pudesse encerrar esse ciclo, esse trabalho não existiria sem você.

Aos meus amigos Iany, João, Guinho e Twany por toda parceria durante todos os anos de UFPE, meus dias definitivamente foram mais alegres e animados com vocês em cada dia de aula, viagem e saídas. Aos meus amigos Ayrton, Bárbara e

Vevé por serem a melhor panelinha em sala de aula e por dividirem tantos trabalhos comigo. A Sarah Coutinho por compartilhar tanto comigo. Obrigada!

“Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes. É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir.” Emicida. AmarElo

(Sample: Sujeito de Sorte - Belchior).

RESUMO

Este trabalho se concentra na análise da relação entre a celebrificação do fardamento escolar do estado de Pernambuco e o estigma que ele ainda carrega. Para traçar o caminho até a conclusão, esta monografia tem ênfase na produção de análise netnográfica a partir do perfil no Instagram de três influenciadores que criam conteúdos com o fardamento. Também com uma pesquisa qualitativa e quantitativa com os jovens estudantes da rede pública esse trabalho procura compreender se ainda existe preconceito com quem veste o fardamento das escolas públicas do estado de Pernambuco. O estudo contextualiza a relação entre a pobreza e a educação, o uso e a função dos uniformes escolares e a celebrificação do fardamento.

Palavras-chave: netnografia; celebrificação, uniforme escolar.

ABSTRACT

This work focuses on analyzing the relationship between the 'celebrification' of school uniforms in the state of Pernambuco and the stigma it still carries. To pave the way to the conclusion we emphasized the production of netnographic analysis based on the Instagram profiles of three digital influencers who create content wearing the uniforms. Moreover, using qualitative and quantitative research with young students from public school, this work aims to understand whether there is still prejudice against those who wear the public schools uniform in the state of Pernambuco. Finally, the study contextualizes the relationship between poverty and education, the use and the function of school uniforms, and the acclamation of uniforms.

Keywords: netnography; celebrification, school uniform.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Captura de tela Google Formulários	32
Figura 2	Captura de tela Google Formulários	32
Figura 3	Captura de tela Google Formulários	33
Figura 4	Captura de tela Google Formulários	33
Figura 5	Captura de tela Google Formulários	34
Figura 6	Captura de tela Google Formulários	34
Figura 7	Captura de tela Excel	38
Figura 8	Captura de tela do feed de Instagram	39
Figura 9	Captura de tela do Instagram @hugogmoreira	41
Figura 10	Captura de tela do Instagram @daysilvaax	42
Figura 11	Captura de tela do Instagram @thejessicaxx	43
Figura 12	Captura de tela do X @NICKIMINAJ	44
Figura 13	Captura de tela do Instagram @bregabregoso	45
Figura 14	Captura de tela do X @jc_pe	46
Figura 15	Captura de tela do Instagram @hytalosantos	47
Figura 16	Captura de tela do X @bregabregoso	48
Figura 17	Captura de tela do Instagram @bregabregoso	53
Figura 18	Captura de tela do Instagram @victormelo	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	17
2.1	Objetivo Geral.....	17
2.2	Objetivos Específicos.....	17
3	JUSTIFICATIVA	18
4	METODOLOGIA.....	20
4.1	Referencial Teórico.....	23
4.2	Um breve comentário sobre educação, raça e pobreza no brasil.....	27
4.3	Análise de dados de pesquisa	31
4.4	Analisando o Instagram/Netnografia.....	38
4.5	Análise netnográfica de produtores de conteúdo do estado de Pernambuco	40
4.5.1	@hugogmoreira	40
4.5.2	@daysilvaax	42
4.5.3	@sezinhe @thejessicaxx.....	43
5	O FARDAMENTO DA ESCOLA PÚBLICA COMO CELEBRIDADE.....	45
5.1	O uniforme escolar no Brasil.....	49
6	CONCLUSÃO.....	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

“Ei menina, aqui não pode entrar com essa farda”, dizia em alto e bom som a segurança do colégio Americano Batista, local onde eu havia estudado entre 2007 e 2008. Fiquei confusa, já que dentro daquela instituição, uma das mais tradicionais do Recife, estavam naquele momento alguns estudantes com fardamento das escolas privadas mais próximas, como Contato e Panorama. A segurança me conhecia, então me aproximei dela e falei que tinha outra blusa na bolsa e que iria trocar imediatamente se eu pudesse ir ao banheiro. Então, ela permitiu porque, além de me conhecer, eu já tinha visitado o local outras vezes – a diferença é que eu não usava o uniforme de manga azul com logotipo do governo do estado de Pernambuco.

Em 2009, ano que ingressei na rede estadual de ensino, uma das primeiras coisas que percebi era que havia um certo tipo de ritual envolvendo a farda. Os “novatos” esperavam o recebimento do material escolar e podiam frequentar as aulas usando camiseta branca, enquanto os veteranos usavam a farda dentro da escola. Mas havia algo curioso: durante os primeiros dias, percebi que, no horário da saída, os banheiros ficavam abarrotados de gente para trocar de roupa. Com o passar do tempo, fui observando a existência da “roupa para sair” (que nem sempre estava guardada dentro das bolsas, elas apareciam também amarradas nas alças das mochilas ou até por baixo da farda para facilitar o processo de troca e não ter que entrar na fila do banheiro). Esse processo da mudança de roupa se tornou um hábito pouco comentado, uma vez que tinha se tornado rotina.

O bairro das Graças, onde fica escola pública na qual estudei, é um bairro nobre do Recife, considerado, segundo levantamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) feito em 2014, um dos bairros que poderia fazer parte da Noruega (é o país com o maior Índice de Desenvolvimento Humano, 0,952). Dentre as 9 principais instituições de ensino das Graças, só uma é pública. A Escola Governador Barbosa Lima (Escola Governador Barbosa Lima) tinha 1.652 alunos

matriculados no ano de 2010¹, funcionava nos três turnos com ensino fundamental II no horário da manhã, ensino médio à tarde e Educação de Jovens e Adultos EJA à noite.

Estudei na Escola Governador Barbosa Lima, como dito, por dois anos. Ali entendi por que era importante e mais seguro ter uma roupa reserva na bolsa quando estivéssemos na rua, e que o meu fardamento não era só uma identificação da escola, mas também funcionava como um código que, para muitas pessoas, representava perigo.

Quero contar um episódio. Aconteceu em um dia ensolarado em 2009, quando precisei sair da Escola Governador Barbosa Lima e me dirigir a uma papelaria com um grupo de amigos. Todos estávamos de uniforme. Chegando no estabelecimento, havia um pouco de barulho vindo de um grupo de estudantes do Colégio Presbiteriano Agnes Erskine, tradicional colégio privado e cristão fundado em 1904, também situado no bairro das Graças. Um segurança estava posicionado na entrada assim que chegamos. Após alguns segundos de distração minha, uma amiga me puxa e diz “vamos embora rápido”. Eu não entendi muito bem a situação, até me virar e perceber que o segurança que estava na porta encontrava-se atrás de nós com um rádio na mão, enquanto outro segurança acabara de chegar para nos “acompanhar”. O outro grupo de estudantes continuava a falar alto e estava em maior quantidade que nós. A farda também era azul, mas não era a mesma: pertencia a uma instituição de ensino particular e frequentada por parte da classe média-alta recifense. Fomos embora e pouco foi dito entre nós, mas também não precisava: entendemos que estar ali com farda de escola pública era perigoso.

A mudança de escola foi muito mais difícil do que eu imaginava, pensei que teria só de me acostumar com novas pessoas e a viver longe das amizades que eu havia construído. Porém, tive que me acostumar com a grande diferença entre estudar em uma escola com mensalidade (o Americano Batista), de “grife”, e estudar em uma escola pública.

Após ser impedida de entrar no colégio que havia frequentado e ser seguida em

¹ Disponível: < <https://gedu.org.br/escola/89656-escola-governador-barbosa-lima/censo-escolar?year=2010> > Acesso em 09 mar. 2024

lojas e shoppings e ser revistada em bancos, lembro da primeira vez que tentei conversar sobre o assunto com alguns amigos da escola centenária. Se tem algo que não esqueço desta conversa é do convite que fiz para conhecerem a Escola Governador Barbosa Lima, que curiosamente ficava do outro lado da Av. Agamenon Magalhães, separando a Boa Vista das Graças e consecutivamente separando as duas escolas. Mas essa separação não era apenas espacial: os termos chulos para designar quem estudava na escola pública são bem eloquentes. “Não vamos, ali só tem *maloqueiros, rapariga e viado*”. Foi aí que minha ficha caiu, e pela primeira vez eu fui capaz de raciocinar que o problema não era uma camisa de algodão com as cores da bandeira do estado, o problema era o lugar que eu ocupava agora. Mesmo que eu estivesse sem farda, meu lugar não era mais aquele, eu não pertencia mais àquele espaço.

Durante os 5 anos que estudei em duas escolas públicas da rede de ensino estadual, presenciei e vivi diversas situações vexatórias. Este projeto é baseado não somente na minha experiência individual, mas na experiência coletiva dos alunos das escolas públicas com foco nos 646.854² estudantes com base no censo³ de 2014 realizado pela Secretaria de Educação.

Os relatos de preconceito com o fardamento escolar das instituições públicas não estão apenas restritos ao bairro das Graças, muito menos ao estado de Pernambuco. Em 2016, a professora Anne Shérída Guedes compartilhou no Facebook⁴ a sua experiência sobre uma ida ao shopping com um grupo de 120 alunos, no Ceará. Na publicação, ela contou o quanto se sentiu desconfortável pela discriminação por parte dos funcionários do shopping:

“Os alunos passearam, merendaram, jogaram no Game Station, pois eles haviam se preparado financeiramente para aquele momento, mas, infelizmente, mesmo depois que conversamos com os seguranças e fizemos uma reclamação à administração do shopping, os alunos ainda sofreram constrangimentos por parte daqueles seguranças desalmados e mal treinados proibindo os meninos de usarem o elevador, tirar selfie. Um absurdo sem tamanho! Estou extremamente decepcionada com o treinamento que o shopping dá aos seus

² Número calculado a partir da soma entre os estudantes do ensino fundamental, ensino médio, educação especial e educação de jovens e adultos

³ http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/6197/FOLDER_2014.png

⁴ <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/10/professora-relata-preconceito-contra-alunos-de-escola-publica.html>

funcionários. Para finalizar, quando estávamos indo embora, um aluno do 6º ano, uma criança de 11 anos de idade, olhou para mim e disse assim: – Tia, eu amei o cinema, eu nunca tinha vindo, amei o passeio; que pena que eles não gostaram muito da gente, né?! Vai ter outro, Tia? Aquilo me doeu na alma. Olhei nos olhos dele, tão empolgados pela aquela nova experiência, e disse: – Nós não precisamos que eles gostem da gente! E, sim, vai ter outros sim! Eles vão ter que engolir o preconceito deles e nos aceitar! Vamos vir quantas vezes quisermos! E um sorriso brotou naquele rosto tão inocente”. (SHÉRIDA, Anne. Texto do post. Ceará. Facebook: usuário Facebook). Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/10/28/denuncia-de-racismo-no-shopping-parangaba-em-fortaleza/> Acesso em Mar. 2023.

Um ano após o caso da professora no Ceará, no Rio Grande do Norte, durante um jogo de basquete, mais uma vez alunos de escolas públicas foram humilhados em um espaço. “Sua mãe é minha empregada”, “o meu pai come a sua mãe” eram os gritos que ecoavam dos estudantes do colégio marista de Natal contra os estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)⁵.

Em 2014⁶, existiam 1.101 escolas estaduais, 17 federais e 6.580 escolas ou creches municipais e 4.984 escolas rurais no estado, segundo a Secretária de Educação do estado de Pernambuco⁷. Nas escolas estaduais, a cada começo de ano letivo, kit escolares contendo a farda do estado, bolsa, caderno e canetas são distribuídos. Criada pelo deputado Octávio Elísio (PL), a lei que obriga o uniforme escolar em escolas públicas é de 1996. Já no ano de 2007, o senador Garibaldi Alves Filho (MDB) sugeriu uma proposta de alteração na Lei 9.394/96. Sem uma proposta específica para a manutenção e o desenvolvimento educacionais de todos os níveis, o senador, então, sugeriu que fosse aderida a obrigatoriedade do uso de uniforme nas escolas públicas.

“A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, institui a obrigatoriedade de uso de uniforme estudantil padronizado nas escolas públicas, altera o art. 70 d e autoriza a criação, pela União, do Programa Nacional de Uniforme Escolar. “O Congresso Nacional decreta: Art. 1º É instituída a obrigatoriedade de uso de uniformes estudantis padronizados nas escolas públicas de todo o País, para os alunos da educação básica, da pré escola ao ensino médio, com exceção dos matriculados em cursos de educação de jovens e adultos, sendo o seu uso facultativo, na modalidade de educação indígena. § 1º Os uniformes a que se refere este artigo serão fornecidos gratuitamente, à base de 2 (dois) conjuntos completos por aluno, a cada ano letivo, incluindo o calçado. § 2º O conjunto completo do uniforme escolar compreende obrigatoriamente calçado, meia, calça ou equivalente, camisa ou

⁵<https://oglobo.globo.com/sociedade/torcida-de-escola-privada-de-natal-ofende-rivais-de-instituto-feder-al-sua-mae-minha-empregada-22048240>

⁶ Censo mais atualizado até o período de Março de 2024

⁷ https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/05/FOLDER_2014-1.png

equivalente e boné. Art. 2º O órgão responsável pela educação na União, nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios, definirá as especificações do uniforme escolar padronizado para as escolas de sua rede. Parágrafo único. É terminantemente proibido veicular qualquer tipo de marketing ou propaganda por meio de cores ou modelos de uniforme escolar, sendo permitido apenas o uso de símbolos, bandeiras ou palavras que forem as oficiais das escolas, dos Municípios, dos Estados ou do Brasil. Esta Lei entra em vigor em 1º de janeiro do ano subsequente à sua publicação. Senado Federal, em dezembro de 2007". Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 (Brasil, 1996)

O projeto "A farda, o fardo e a fama: um estudo sobre os casos de preconceito e a popularização do fardamento das escolas estaduais da rede pública de ensino do estado de pernambuco" **começou como** uma pesquisa sobre os casos de preconceito em relação ao fardamento usados por alunos e alunas das escolas estaduais da rede pública de Pernambuco. Neste estudo, também procurei compreender como o fardamento chegou a virar um símbolo reconhecido na internet gerando além do desejo e muita criação de conteúdo. Inicialmente, trago meu relato pessoal sobre os casos que aconteceram comigo nos anos em que fui estudante de escola pública após ter passado pelo ensino privado. Para além da minha experiência pessoal, trouxe para este trabalho uma pesquisa realizada com estudantes da rede pública e uma pesquisa netnográfica feita com a análise de conteúdo do perfil de influenciadores, que busca entender o processo de celebrificação que ocorreu com o fardamento.

O projeto busca trazer ao leitor não somente o meu relato, mas, também, o depoimento de estudantes e a vivência da produção de conteúdo para a internet. Com diversas análises, esse projeto busca responder a uma pergunta: será que mesmo com a divulgação massiva do fardamento os alunos da rede pública ainda passam por situações vexatórias?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Produzir uma monografia com o intuito de contribuir para pesquisas sobre mudanças e desigualdade sociais, tendo como objeto o fardamento escolar e sua ressignificação através das redes digitais, quando deixa de ser visto como estigmatizante para ocupar um lugar de "celebridade".

2.2 Objetivos específicos

- Realizar uma pesquisa online com estudantes da rede pública de ensino do estado de Pernambuco para descobrir se já passaram por constrangimento enquanto estavam vestidos com o fardamento.
- Fazer análise netnográfica do perfil de influencers que ficaram conhecidos pela produção de conteúdo com a farda disponibilizada para os estudantes das escolas públicas estaduais.
- Elaborar uma monografia de caráter científico, baseada na busca de conhecimentos sobre como o fardamento das escolas públicas como marcador social e sua ressignificação através das redes sociais e do processo de celebritização.

3 JUSTIFICATIVA

Como já citado anteriormente, estudei alguns anos em escolas públicas. De 2009 a 2013, estudei entre a Escola Governador Barbosa Lima e a Escola de Referência em Ensino Médio Oliveira Lima. Neste tempo, aconteceram algumas coisas que sempre me fizeram pensar sobre a farda escolar que eu carregava comigo. Usar a farda fazia com que eu, diversas vezes, me tornasse um alvo para o preconceito. Após pesquisar por artigos acadêmicos sobre o tema e não achar nada específico, me debrucei em sites para buscar mais informações. Encontrei, então, o relato já trazido aqui da professora cearense Anne Shérída Gomes, que decidiu levar seus alunos ao shopping. Entre o desabafo da professora em uma rede social e algumas matérias de jornais, me interessei em produzir algo mais concreto sobre o fenômeno, transformando esses episódios em uma pesquisa científica inicial. A análise do tema e a transformação do resultado em uma monografia, foi no entendimento de que essa pesquisa trará ao leitor uma nova percepção do problema através de dados e fontes que ele não teve acesso antes.

“Podemos considerar a metodologia científica como uma ferramenta maior que agrega vários meios que auxiliam na realização da pesquisa científica. Que ajuda nas questões éticas e legais, que ajuda a delimitar os temas e não deixa fugir do proposto, ou melhor, ajuda a deixar óbvio as decisões, os meios e a questão a ser trabalhada para que não haja uma extensão desapropriada do assunto proposto, tampouco um desfalque”. (Almeida, 2016, p. 59).

A produção deste projeto torna-se importante para entender se os alunos das escolas públicas ainda sofrem preconceito enquanto estão vestindo as fardas das suas escolas. Além disso, este trabalho visa entender mais sobre o processo de celebritização, conceituado por Driessens em seu artigo *A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade*

“É um metaprocesso porque falta um começo ou um final claro, e se dispersa no espaço e no tempo, não estritamente seguindo uma direção específica. Portanto, e mais importante, seria errado pensar na celebritização como simplesmente o aumento da celebridade no espaço e no tempo”. (Driessens, 2012, p. 10).

Este processo ocorreu com o fardamento durante os anos, fazendo com que

uma camisa de escola chegasse a ser vendida na internet. Esta pesquisa também se faz importante ao se propor em ser um espaço seguro para que os e as estudantes possam relatar suas experiências. Enquanto eu estudava, sempre quis que houvesse um debate acerca do tema, então, agora, com embasamento teórico e muita vontade de compartilhar histórias, escrevo este projeto.

4 METODOLOGIA

O trabalho de conclusão de curso, como citado, tem como objetivo principal desvendar como o fardamento das escolas públicas, um objeto estigmatizado e que de certa forma trazia vergonha ou promovia situações constrangedoras para quem o vestia, passou por um processo de celebrificação, e passou até a ser um objeto de desejo vendido em plataformas online.

Utilizei metodologias distintas e complementares, como a pesquisa quali-quantitativa com estudantes da rede pública de ensino, sendo a primeira uma coleta de dados a partir de entrevistas feitas via formulários online. A segunda parte foi uma análise netnográfica elaborada a partir de perfis de criadores de conteúdo no Instagram. Na pesquisa quantitativa e qualitativa 53 estudantes responderam o formulário online entre os meses de maio e dezembro de 2023. Já na análise netnográfica, os 3 perfis de Hugo Moreira, Dayana Silva e Jéssica foram monitorados por 32 dias consecutivos, de 1 de outubro a 1 de novembro também no ano de 2023.

Para a realização da pesquisa quali-quantitativa, um questionário online através do Google Formulários foi gerado possibilitando que os estudantes respondessem a perguntas pessoais como nome, cor e gênero, além de perguntas relacionadas ao tema como cidade de residência, instituição de ensino e também uma questão dissertativa onde puderam relatar se já havia vivenciado alguma situação de preconceito enquanto trajavam o fardamento. Neste ponto, é importante salientar que apenas estudantes que estavam ou foram matriculados na rede estadual de ensino responderam ao questionário. De acordo com a natureza dos dados, esta pesquisa é de abordagem quantitativa, pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009), esta tem suas raízes ligadas ao pensamento positivista lógico e tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Para Fonseca (2002),

“Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade

só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros⁸. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. (Fonseca, 2002, p. 20).

Desta forma, podemos concluir que, a partir das respostas obtidas sobre gênero, cor, cidade e se já sofreram ou não preconceito enquanto usavam a farda, teremos resultados numéricos (e também subjetivos) para fortalecer o embasamento desta pesquisa. Um estudo qualitativo, segundo Minayo,

“Se aplica a estudar a história, as relações, as representações, as crenças, as percepções e as opiniões, que são produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, de como constroem seus artefatos e a si mesmos, como sentem e pensam”. (Minayo, 2010, p. 57).

Sendo assim, esta pesquisa se encaixa também como estudo qualitativo pois este, ainda de acordo com a autora, permite “desvelar os processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p. 57).

O formulário online realizado também pode ser considerado pesquisa qualitativa, pois com as respostas sobre experiências de preconceito é possível compreender um pouco mais do cotidiano e situações vivenciadas sobre esse grupo em específico. Na pesquisa foram feitas perguntas pessoais como: nome, idade, cor/raça/etnia e gênero. As perguntas relacionadas ao tema foram: cidade/estado, instituição de ensino, se já haviam sofrido situações de preconceito enquanto estavam de farda e um espaço para escrita caso a resposta anterior fosse afirmativa. Após a coleta de todas respostas do formulário, os dados e os gráficos foram analisados, traçando mapeamentos necessários.

⁸ É importante trazer aqui que os conceitos de objetividade e neutralidade são diretamente confrontados por autoras como Harding (2019). Evidentemente, os dados também possuem vieses e pontos de partida, sendo um erro admiti-los única e exclusivamente como desinteressados e neutros. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/emconstrucao/article/view/41257/29787>

Para entender como o fardamento da escola pública mudou de figura, principalmente para algumas camadas sociais – os jovens, predominantemente –, nos debruçamos nos perfis presentes na rede social Instagram. Junto a outras redes como o X, antigo Twitter e ao Tik Tok, o Instagram trouxe uma nova camada de sentido para o fardamento, que tornou-se famoso nacionalmente, invertendo assim códigos estigmatizantes. Para isso, o trabalho seguiu a netnografia. Foram selecionados alguns influencers que produzem conteúdo digital utilizando o fardamento em suas produções de stories, reels e publicações no feed. Seus perfis então foram monitorados e analisados durante o período de um mês, do dia 1 de outubro ao dia 1 de novembro. Para Kozinets,

“A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal”. (Kozinets, 2014, p. 61 e 62)

Além da diferença entre os prefixos “etno” e “netno”, é importante destacar a necessidade além de uma simples nomenclatura. A netnografia possui uma visão de campo completamente diferente da etnografia. Já que a barreira física não existe, o acesso a qualquer “tribo” é possibilitado. Na pesquisa netnográfica, por mais distante que o(a) pesquisador(a) esteja, a realização da pesquisa não fica impedida ou limitada já que o acesso espaço físico neste caso é desnecessário. Outro ponto de destaque é a forma como é possível fazer as observações, são inúmeros aplicativos e formas de conseguir os dados de qualquer pessoa há apenas um click de distância, a autora menciona no seu livro, *Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online*, que o termo “netnografia”

“[...]representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes online e offline de compreensão cultural, e de reconhecer que, como entrevistas ou semiótica, a netnografia tem seus próprios conjuntos de práticas e procedimentos exclusivamente adaptados que a distinguem da conduta de etnografia face a face”. (Kozinets, 2014, p. 62)

Sendo um método usado pela antropologia, a etnografia é utilizada para a coleta de dados, para Mattos (2011),

“A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio interacionais, por alguns motivos entre eles estão: Primeiro, preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas”. (Mattos, 2011, p. 50.)

Podemos concluir que a etnografia deu vida ao método etnográfico, embora, como já falado, as nomenclaturas sejam bastante semelhantes, cada método tem suas particularidades. Em sua obra *O nascimento de Joicy. Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, Moraes (2015) destaca a importância da pesquisa etnográfica

“De saída, um modo de investigação nos estudos antropológicos que deve ter presença fundamental no jornalismo, principalmente nas grandes reportagens, é a etnografia. No método, ainda não absorvido pelas escolas de comunicação do país, o(a) pesquisador(a) se utiliza da observação direta (participante ou não) e da entrevista na coleta de dados. Realiza uma verdadeira imersão no ambiente e estabelece um contato prolongado com as pessoas e grupos estudados. É essa aproximação densa que vai, posteriormente, ajudar na interpretação das múltiplas identidades, evitando uma leitura unidimensional da realidade”. (Moraes, 2015, p. 201).

A autora, que fez grandes contribuições teóricas com seus estudos etnográficos, destaca a importância do questionamento à ideia de neutralidade e objetividade dentro das pesquisas, mencionando a leitura unidimensional da realidade que, por vezes, é esquecida ou nem existem em diversas análises.

4.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o resultado dos dados coletados por meio de formulário e também do perfil dos influenciadores, foi necessário também uma compreensão mais ampla sobre questões da pobreza e de uma sociologia das celebridades (Moraes, 2011). Também nos aproximamos um pouco da antropologia, como forma de entender

nosso uso da netnografia. Do grego *ánthropos* “homem” e *logia* “estudo”, a antropologia surgiu em meados do século XVIII como um estudo investigativo sobre a sociedade, suas origens, mudanças e diferenças entre diferentes culturas. A compreensão da cultura é um dos pilares da pesquisa antropológica. O que somos? Porque somos? Como somos? Com o estudo antropológico é possível entender o conceito de cultura.

“Esse fato constitui um acontecimento importante na história o conhecimento do homem sobre ele mesmo. E, talvez, ainda hoje, não tenhamos a real dimensão de suas implicações para o estudo do homem em sociedade. Tratava-se de uma mudança fundamental de perspectiva, já que possibilitava a passagem do homem de sujeito do conhecimento para objeto do conhecimento”. (Vieira da Cunha; Valpassos, 2011, p. 9).

A antropologia pode ser dividida em diversas áreas de estudos aplicados à cultura humana como: cultural, linguística, arqueologia, física e biológica. E em todas essas áreas, é possível dizer que o objeto do estudo é o homem e a sociedade. Deste modo, a etnografia, especialidade desta ciência, surgiu como método de trabalho no qual só é possível chegar em um resultado a partir de coleta de dados e no contato entre o(a) antropólogo(a) com os grupos e comunidades. Um texto clássico é *Argonautas do Pacífico* (1922), que popularizou-se como um dos trabalhos mais conhecidos de etnografia do mundo inteiro. Bronisław Kasper Malinowski (1922) escreveu sobre a sua expedição às Ilhas Trobriand de 1914 a 1918. No arquipélago, próximo à costa oriental da Nova Guiné, o antropólogo dedicou-se a estudar os habitantes e a aprender a partir de vivência e análise de dados sobre a cultura, costumes e meios de sobrevivência da comunidade.

A obra de Malinowski (1922) (sem deixar de levar em consideração questões da colonialidade que hoje iluminam melhor as abordagens etnográficas iniciais) é um norte para este trabalho, mostrando que a análise, a coleta de dados e a proximidade com as comunidades não são só importantes como necessárias para a compreensão da sociedade. Então, saímos da Nova Guiné para um novo território, sua localização não possui CEP ou mapa e todos os seus endereços são registrados pelo nome de IP's⁹. Estão ambientados na internet, sistema que surgiu na década de 1960 e que

⁹ Um endereço IP é uma sequência de números separados por pontos. O endereço IP é representado por um conjunto de quatro números: por exemplo, 192.158.1.38. Cada número do conjunto pode variar entre 0 e 255. Ou seja, o intervalo de endereçamento IP vai de 0.0.0.0 a 255.255.255.255.

apresentou uma evolução extremamente rápida naquele momento e, ainda mais, nas últimas décadas do Século 21. Entre e-mails, apps, spams e ligações de vídeo, a internet consolidou seu espaço no mundo, e agora os endereços virtuais são tão ou mais importantes do que os endereços físicos. Se, no mundo sensível, temos a etnografia buscando responder às mais diversas questões culturais, na internet temos a netnografia como chave. De acordo com Freitas e Leão (2012),

“se encontra uma nova forma de comunicação, cuja compreensão da linguagem e seus signos poderão conduzir à concepção das particularidades que rondam as interações virtuais e o conjunto dinâmico de signos que viabiliza sua existência no contexto organizacional”. (Freitas & Leão, 2012, p. 213)

Outro ponto importante para pensar a mudança social (e política) pela qual o fardamento da escola pública de Pernambuco passa é a cultura das celebridades. Aqui, me apoio em autores como Driessens (2014), que faz uma distinção entre celebrificação (que aconteceria em um nível pessoal, no qual a comoditização da pessoa é uma marca) e celebritização (que acontece em nível social, ou seja, a sociedade atual, anteparada na imagem e nos relatos de sucesso e dramas, foi celebritizada).

“[...]embora a celebrificação e a celebritização sejam processos muito diferentes, eles compartilham a importância central da comoditização e das indústrias corporativas e de relações públicas por trás dela. Além disso, a celebritização não pode ser reduzida à comoditização[...]”. (Driessens, 2014, p. 12)

Um autor que também foi utilizado nesta pesquisa é Chris Rojek, estudioso norte-americano que escreveu o livro *Celebridade* (2001). Ali, observando elementos como a cultura dos fãs e a religião, ele faz uma crítica ao capitalismo e toca na questão das desigualdades. O livro ainda passeia por discussões como a estética, a transgressão, a política e a cultura do consumo.

“A lógica da acumulação capitalista requer que consumidores estejam constantemente renovando seus desejos. A inquietação e o desgaste na indústria cultural deriva em parte da exigência capitalista de iniciar inovação em mercadorias e marca¹⁰”. (Rojek, 2001. p. 14)

Deste modo, a partir de Rojek (2001), chegamos num ponto em comum entre a pobreza e o processo de celebrificação que ocorre nos dias de hoje. A partir do livro, é possível entender que, para existir uma celebridade, precisa existir também uma base de fãs situada distante, não quilometricamente, mas a uma distância real entre essas duas vidas distintas, uma desejando e outra gerando o desejo. “Eu considero o ‘processo de celebrificação’ para descrever a tendência geral de moldar encontros sociais nos filtros midiagênicos que refletem e reforçam a compulsão do desejo abstrato”. (Rojek, 2001, p. 186). Então, até aqui é possível compreender que o fardamento das escolas públicas passa pelo processo de celebrização quando traz mudanças sociais e deixa de ser um símbolo ligado à pobreza. Enquanto os *influencers* passam pelo processo de celebrificação, quando apresentam mudanças individuais e passam a ocupar um espaço de maior visibilidade. Geralmente associada a doenças e/ou epidemias, o termo “viralizar” ganhou um novo significado com a expansão de usuários da internet. Podemos utilizar esta expressão para denominar conteúdos que rapidamente se espalham entre os usuários e tomam proporções gigantescas. As fardas passaram por um processo midiático/social que as tornaram, como veremos em breve, em artigo a ser cobiçado.

É preciso dizer que os influenciadores digitais, @hugogmoreira, @daysilvaax e @jessicax, compõem espaços que podem ser entendidos como subalternos. Jéssica mora na periferia de Olinda e mostra uma vida mais simples enquanto Dayana e Hugo moram no interior do estado, nenhum deles exibe uma vida de luxo na internet. Neste sentido, foi importante conectar as análises baseadas nos estudos sobre celebridades a análises sobre pobreza (que apresentamos de maneira mais resumida aqui, uma vez que o tema é multidimensional e extremamente complexo). Afinal, o que faz uma pessoa ser pobre? A falta de dinheiro, a cor, o gênero?

Segundo Crespo e Gurovitz (2002),

“A conceituação de pobreza é categorizada como “juízo de valor” quando se trata de uma visão subjetiva, abstrata, do indivíduo, acerca do que deveria ser um grau suficiente de satisfação de necessidades, ou do que deveria ser um nível de privação normalmente suportável. O indivíduo expressa sentimentos e receitas, de caráter basicamente normativo, do que deveriam ser os padrões contemporâneos da sociedade quanto à pobreza. Não leva em conta uma situação social concreta, objetivamente identificável, caracterizada pela falta de recursos”. (Crespo e Gurovitz, p. 3. 2002)

Neste ponto, é possível analisar a pobreza como um conceito subjetivo, pois, apesar do significado ser variável, dependemos de um contexto sociocultural. Apesar disto, é possível, sim, afirmar que no atual modelo econômico, existiram e existem pessoas menos favorecidas e a margem da sociedade vítimas da pobreza. “A pobreza é um produto necessário ao capitalismo, que acumula riqueza ao mesmo passo que produz e reproduz a pobreza” (Rufino, 2017, p. 5).

Para conseguir articular esse debate ao universo das celebridades, trouxemos os estudos de Moraes (2009, 2020), cuja tese se debruçou sobre como mulheres das periferias de Recife consumiam um produto voltado para visibilizar o cotidiano de famosos e empresários, a revista *Caras*. A autora também observou como a pobreza e as celebridades surgiam nos ambientes das redes sociais no artigo *Celebridade e pobreza no Instagram: adesão e oposição aos modelos de alta visibilidade na tensa busca pelo direito de ser visto*. Com uma vasta experiência em pesquisa do aspecto social, no artigo a professora menciona que

“[...] surgir nas plataformas de visibilidade vai além da mera auto-exposição entre pessoas que experimentaram a pobreza, algo que ultrapassa o olhar elitista que identifica apenas apenas exercícios ególatras, principalmente no ambiente das redes sociais. Essa perspectiva deixa de lado algo vital no reconhecimento mais integral, dessas presenças para quem leva uma vida cercada pelos constrangimentos da baixa renda”. (Moraes, 2020. p. 2)

Este trabalho procura entender como o fardamento das escolas públicas pernambucanas, que era um símbolo tradicionalmente ligado às classes populares, se tornou um objeto de desejo, chegando não só a ser extremamente reconhecido, mas também vendido em algumas plataformas online. Sendo assim, os trabalhos acima mencionados foram de suma importância para a realização do embasamento teórico desta pesquisa.

4.2 UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE EDUCAÇÃO, RAÇA E POBREZA NO BRASIL

A Declaração Internacional dos Direitos Humanos de 1948 elaborada pela Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), assegurava que a educação era não só um direito, mas um caminho para promover o direito e as liberdades de todo e qualquer indivíduo. Com a Constituição Federal de 1988, foi reconhecido o direito

social à educação. Porém, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017¹¹ haviam 11,5 milhões¹² de brasileiras(os) acima dos 15 anos que não sabiam ler e escrever. Se a educação é um direito básico do cidadão, como se explica milhões de analfabetos no país? Com a discussão sobre a necessidade de se criar condições igualitárias para os estudantes das escolas públicas, faz-se necessário para a construção deste trabalho entender quem são os estudantes das escolas públicas e privadas no país, a que classe eles pertencem e em que condições eles estudam. Para validar esta discussão, é importante conhecer o conceito de pobreza. Para Crespo e Gurovitz (2002),

“A pobreza relativa tem relação direta com a desigualdade na distribuição de renda. É explicitada segundo o padrão de vida vigente na sociedade que define como pobres as pessoas situadas na camada inferior da distribuição de renda, quando comparadas àquelas melhor posicionadas. O conceito de pobreza relativa é descrito como aquela situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos de algum atributo desejado, seja renda, sejam condições favoráveis de emprego ou poder”. (Crespo e Gurovitz, 2002, p. 3 e 4).

A pobreza é um problema estrutural da sociedade e do sistema econômico no qual vivemos, afirma Dowbor (1941) no livro *A era do capital improdutivo*, no qual discute uma desigualdade que atingiu um nível muito elevado: enquanto somente 8 pessoas possuem mais riqueza do que a metade da população mundial, 800 milhões de pessoas não têm dinheiro para se alimentar. Para o autor, quem acredita que o atual sistema econômico mundial funciona de maneira eficaz é desprovido de visão da realidade. “Essas oito famílias donas de fortuna produziram tudo isso? Ou simplesmente montaram um sistema de apropriação riqueza por meio de papéis? E como isto é possível? São donos de papéis financeiros que rendem.” (DOWBOR, 1941, p. 22).

Uma pesquisa sobre as expectativas dos jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho feita por Souza (2015) e Vazquez (2015), analisou 1.363 pessoas. Uma das principais conclusões da pesquisa sobre os estudantes é que muitos deles trabalham, ou já trabalharam, e por isso enxergam com dificuldade um futuro de estudos após a conclusão do ensino médio. A maioria dos jovens afirma

¹¹ Pesquisa mais recente divulgada pelo ibge.

¹² <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfa-betismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>

que a única estratégia para a manutenção na faculdade é o trabalho, entretanto conciliar trabalho e estudo é um dos principais problemas. (Souza, 2015; Vazquez, 2015; p. 424). Fundamentando a pesquisa citada anteriormente a nível nacional, é possível verificar um déficit de alunos das escolas públicas no ensino privado na síntese de indicadores sociais de 2018, uma análise realizada pelo IBGE sobre a condições de vida da população brasileira. Na síntese, é possível observar que há um contraste gigantesco entre os estudantes: enquanto 74,2% das escolas privadas ingressaram na graduação, apenas 25,8% dos estudantes das públicas estavam inseridos nas universidades.

“Esse dado ilustra uma característica destoante do sistema de ensino superior brasileiro em relação aos demais países, conforme ressaltado na nota para o Brasil da publicação Education at a glance 2017: OECD indicators. Essa publicação usou dados de 2015, quando a rede privada de ensino superior era responsável por cerca de 1 / 3 das matrículas (32,0%) no caso da OCDE e mais de 3 / 4 (76,2%) no caso brasileiro”. (IBGE, 2018, p. 96).

Para o IBGE, a grande desigualdade é oriunda dos anos anteriores, da história do próprio país. E para compreender isto, é importante que se entenda o perfil dos estudantes, tanto da rede privada quanto da pública a partir destes dados: dentro das escolas públicas, apenas 6,1% pertenciam aos 20% de pessoas com os maiores rendimentos da população. Em contrapartida, 49,2% da rede privada faziam parte desta mesma parcela da população. A partir destas duas pesquisas, é possível fazer uma constatação muito importante para que se entenda o tema deste trabalho: a maioria dos estudantes das escolas públicas são pobres. Sendo possível dizer a qual classe os estudantes das escolas públicas do país pertencem, o próximo objetivo é saber qual é a raça predominante entre estes estudantes. Ainda com base na síntese de indicadores sociais de 2018, a cor das crianças é um marcador na questão do acesso à educação. As crianças de 0 a 5 anos pretas ou pardas frequentaram menos as escolas ou creches que as crianças brancas no ano de 2017 (dados do IBGE). Da base escolar para o mercado de trabalho, as circunstâncias não são muito diferentes,

“A inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho tem relação estreita com a estrutura econômica do País e denota uma hierarquia social que se revela através das oportunidades oferecidas pela estrutura existente, pelas escolhas individuais, pela formação escolar, pela evolução em carreiras específicas, pela evolução das tecnologias e outros fatores. O rendimento auferido no trabalho principal é um importante resultante desta inserção é um dos principais indicadores de qualidade da ocupação. Assim, como a diferenciação por sexo, o

recorte por cor ou raça é fundamental para o diagnóstico das desigualdades de rendimentos do País. Como visto, as atividades econômicas de menores rendimentos médios são as que proporcionalmente possuem mais ocupados de cor ou raça preta ou parda e pessoas do sexo feminino. No cômputo geral, em 2017, os brancos ganhavam em média 72,5% mais do que pretos ou pardos e os homens ganhavam, em média, 29,7% mais que as mulheres”.(IBGE, 2018, pág. 28.)

A partir dos dados das duas pesquisas, é possível chegar a uma conclusão muito importante para a realização deste trabalho: se a maioria dos estudantes das escolas públicas são pessoas pobres, a maioria da população pobre do Brasil é constituída por pessoas negras.

Agora que já sabemos a classe e raça da maior parte dos estudantes das escolas públicas, é importante saber em que condições se encontram as escolas públicas no Brasil. Em uma rápida pesquisa nas ferramentas de busca da internet, é possível achar matérias como estas: *Escolas públicas de ensino básico reclamam de falta de livro didático* (2019)¹³, “Escolas de São Paulo podem começar o ano sem material escolar”¹⁴, “Além de falta de fardas, alunos da rede estadual denunciam que estão sem material escolar e mochilas em São Vicente Férrer”¹⁵, “Apenas 4,5% das escolas têm infraestrutura completa prevista em lei, diz estudo”¹⁶. Na pesquisa *Infraestructura Escolar y Aprendizajes en la Educación Básica Latinoamericana: Un Análisis a Partir del SERCE*¹⁷ (2009), realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é possível ter dimensão da diferença que a infraestrutura faz na vida escolar. “Os estudantes que frequentam escolas com boas condições de infraestrutura superam por vários pontos percentuais o rendimento dos estudantes em edifícios de qualidade inferior” (BID, 2011, pág. 5, tradução nossa)¹⁸. O estudo é baseado em aproximadamente 200 mil estudantes e mais de 2.500 escolas de terceiro ano e 2.300 escolas de sexto ano, entre 16 países da Latino Americanos.

¹³ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/02/escolas-publicas-do-ensino-basico-reclamam-de-falta-de-livro-didatico.ghtml>

¹⁴ <https://exame.abril.com.br/brasil/escolas-de-sao-paulo-podem-comecar-o-ano-sem-material-escolar/>

¹⁵ <https://g1.globo.com/pe/pe/educacao/noticia/2019/10/09/alunos-da-rede-publica-em-sao-vicente-ferrer-denunciam-falta-de-fardamento-material-escolar-e-mochilas.ghtml>

¹⁶ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/apenas-45-das-escolas-tem-infraestrutura-completa-prevista-em-lei-diz>

¹⁷ Segundo Estudio Regional Comparativo y Explicativo (SERCE)

¹⁸ “que asisten a escuelas con buenas condiciones de infraestructura superan por varios puntos porcentuales a los rendimientos de estudiantes en edificios de calidad inferior.”

Para o SERCE (2009), a infraestrutura educativa e os serviços básicos de eletricidade, saneamento e telefone são muito ruins, e há uma grande disparidade entre as escolas privadas e públicas urbanas e as escolas nas regiões rurais. A pesquisa identificou que, se houvesse uma grande mudança na infraestrutura das escolas rurais, os alunos em média passariam a ter um desempenho melhor. Os que conseguiam até 465 pontos nas avaliações, poderiam chegar a 487 pontos nas escolas rurais. Já numa escola urbana os alunos poderiam passar de 506 pontos para 525 pontos de 1.000. O que significa que haveria aproximadamente 20% de acréscimo nas notas dos estudantes. A solução para o melhor desempenho seria o investimento em mais espaços como biblioteca, laboratório de ciências, auditórios, quadras de esportes e aquisição de computadores e melhorias nas questões estruturais já citadas no texto.

No Brasil, em agosto de 2019, foi apresentado em plenário nacional os dados do censo escolar do ano anterior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Em sua fala, o senador apontou as péssimas condições de infraestrutura das escolas públicas brasileiras. A pesquisa mostrou os resultados das 141 mil instituições, em 12% não existem banheiros no prédio, 33% não tem acesso à internet, 31% não tem abastecimento de água potável, 58% não tem coleta ou tratamento de esgoto, 68% não têm bibliotecas e em 67% não existe quadra de esportes.

4.3 ANÁLISE DADOS DE PESQUISA

A pesquisa online, como já mencionado, foi feita a partir do Google Formulários da seguinte forma: um texto de introdução ao projeto era seguido pela garantia do sigilo das informações coletadas durante o período de 7 meses entre junho e dezembro de 2023. Para concluir a primeira seção de perguntas, o entrevistado teve que confirmar que estava de acordo com as informações.

Figura 1 – Captura de tela Google Formulários

53 respostas



Desta forma, 53 pessoas responderam ao formulário vide a figura 1. A seguir temos informações sobre a idade do grupo estudado, além de raça e gênero.

Figura 2 – Captura de tela Google Formulários

Idade

53 respostas

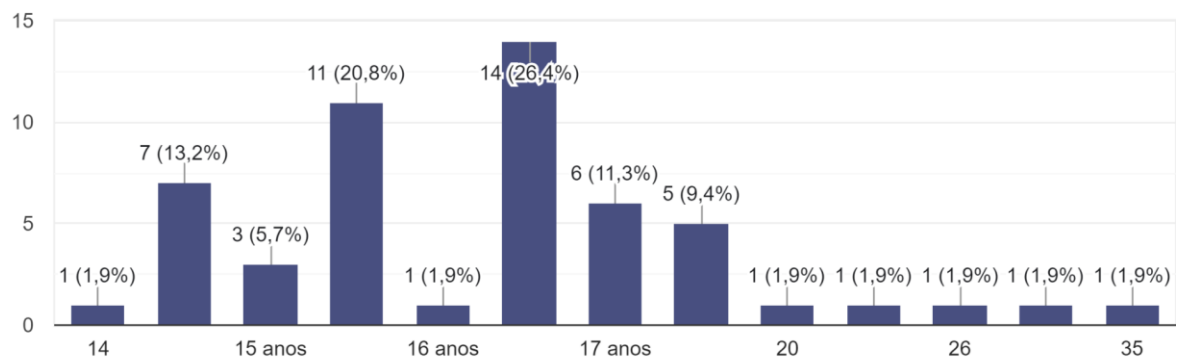


Figura 3 – Captura de tela Google Formulários

Cor, raça/etnia

53 respostas

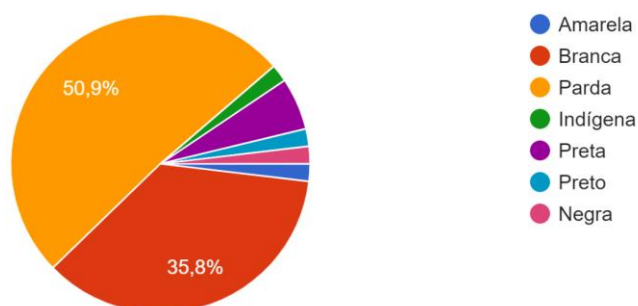
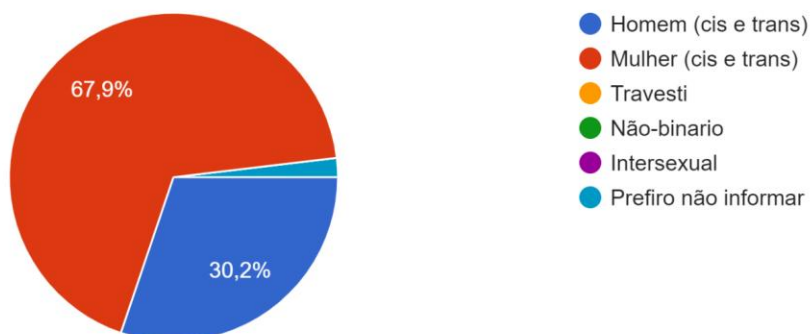


Figura 4 – Captura de tela Google Formulários

Gênero

53 respostas



Antes de partir para a questão dissertativa da pesquisa, ainda temos duas perguntas valiosas para a validação da mesma. Podemos observar na figura abaixo que todas as escolas abaixo são da rede pública de ensino do estado de Pernambuco.

Seguimos, então, para o último espaço do questionário que está ligado à resposta da imagem. Com um campo para texto livre, foi pedido para que aqueles que responderam sim compartilhassem as situações que já vivenciaram. As seguintes respostas que serão vistas abaixo são de caráter sigiloso, desta forma nenhum nome será atrelado a elas. É importante destacar aqui que 21 estudantes deixaram seus relatos, aqui eles aparecem para a leitura sem ajuste de texto. Duas respostas foram desconsideradas por não se encaixarem na proposta da pergunta.

- 1) “Principalmente em estabelecimentos, quando estou de farda recebo olhares um tanto quanto desconfiados, me sinto desconfortável.”
- 2) “Bom, creio que não é exatamente um preconceito, mas achei melhor relatar. Pra contextualizar um pouco, a minha escola tem 3 tipos de farda que se pode usar na escola, são elas: a farda que o governo dá para os alunos de graça, uma farda da escola que é paga e uma que é exclusivamente para os alunos do terceiro ano (paga também). Eu estava com uma farda que é paga (da escola em geral) e tinha chegado em casa mais cedo no dia e aproveitei para ir comprar pão no mercadinho. Quando eu estava na fila, chegou um casal logo atrás de mim e eu escuto o homem falar algo como ‘Na minha época o ginásio pernambucano era uma escola boa do estado para dar oportunidade as pessoas, agora só tem esses filhinhos de papai estudando lá’. Logo depois a moça que estava com ele chamou a atenção dele porquê era nítido que eu tinha escutado. Depois disso eles falaram muito baixo, tentei escutar e não consegui (péssima audiçãookkk), e depois voltaram a conversar em um tom normal sobre outras coisas. Faz um tempo desde que isso aconteceu então não sei exatamente se faltou algum detalhe, mas é isso que eu me lembro, espero que meu relato tenha ajudado em algo! e desculpe-me se teve algum erro de português ou se ficou meio confuso. Boa sorte no TCC!”
- 3) “Já aconteceu algumas vezes, mas tenho lembrança de uma que foi bem marcante, em um momento que eu tinha ido numa livraria/loja comprar alguma coisa e as vendedoras ficaram me seguindo. Olhares estranhos em lugares privados, tipo shopping. Era constrangedor. Eu lembro ter uma farda própria da escola era muito importante por isso, pra não usar a farda estadual.”

- 4) “As pessoas olham com um certo ‘medo’, pois tem medo de eu roubar algo. Os seguranças também seguem você nas lojas”
- 5) “Entrei na americanas e fui seguido por seguranças”
- 6) “Segurança de shopping e lojas olhando torto”
- 7) “Fui impedido de entrar na católica¹⁹, mesmo frequentando a tempos”
- 8) “Tds as vezes que saio com a farda sem ser em ambiente escolar, me olham muito, como em lojas, hospitais e etc. queria que disponibilizassem mais fardas, pós passamos o dia na escola, e acaba que suba muito, rasga e envelhece, e não temos outra para usar, ent temos que sair com uma farda em estado crítico, pós o estado não disponibiliza outra, e quando tem, não é do nosso tamanho”
- 9) “Nunca chegaram a falar nada, mas olhavam de um jeito estranho”
- 10) “Me impediram de entrar no prédio onde eu moro porque eu estava com a farda, me olham estranho quando eu estou no shopping/mercado com a farda, etc”
- 11) “Em lojas como mercados, lojas de roupas e etc”
- 12) “Eu e minhas amigas estávamos indo para o Shopping após a escola, paramos em frente a Americanas(estávamos decidindo se comprávamos lá msm ou em outro lugar) um homem começa a nos olhar estranho, e pergunta: “que isso aqui? uma botada é? já tava me preparando p ‘dale’ uma ‘mãozada”. Logo em seguida ele gritou falando que pensava que a gente iria rouba-lo e disse que era de farda mesmo que os ladroes estavam atuando.”
- 13) “Foi através de brincadeira muito chata e desagradável,e fiquei muito envergonhada”
- 14) “Ao andar no shopping utilizando a farda”
- 15) “Não sofri, mas já vi pessoas sendo julgadas e sofrendo ataques verbais (não muito violentos, mas que são constrangedores) nas ruas.”

¹⁹ Universidade Católica de Pernambuco

- 16) “Os olhares diferentes ao chegar em algum lugar, e ser ‘perseguida’ em lojas”
- 17) “Ao entrar em lojas sempre tinha a sensação de que os funcionários ficaram mais próximos arrodando eu e meu grupo. Sempre que íamos ao shopping ou outro lugar levávamos outra camisa para trocar e ficar mais confortável.”
- 18) “Eu estava no shopping com a minha mãe, ela tinha ido me buscar na escola e me levou para o shopping. Precisamos nos separar pois eu estava com fome e ela foi andar em alguma loja. Eu fui na fila, paguei e fui beber um refri, nesse meio tempo as funcionárias trocaram de lugar (não sei o motivo), e quando fui encher o copo, a moça disse que não poderia tomar refri sem pagar (como se eu tivesse pegado de uma mesa vazia). Fora os seguranças de shopping me seguindo sutilmente diversas vezes.”
- 19) “Vejo muitos me olharem torto e já fui chamada de ‘pobre’ e ‘burra’ por estar vestida com a farda do governo.”

As respostas são únicas, mas certos pontos são semelhantes, desta forma organizei um gráfico para traçar um paralelo entre todas as respostas. Separei, então, estes relatos em três grupos: agressão verbal, perseguição e acesso impedido a local público ou privado. Apesar deste espaço ser destinado apenas às pessoas que responderam sim à pergunta anterior, uma resposta foi “não”, ainda assim incluí ela no quadro para entender de forma total as respostas. Finalizando a parte da separação de respostas, elaborei uma planilha. Inspirada no livro *Análise de conteúdo* (1977) da professora e psicóloga Laurence Bardin, a planilha de dados dividiu as respostas entre categorias, frequência e também uma área para um trecho de resposta que caracteriza o grupo a que pertence.

Figura 7 – Captura de tela Excel

Categoria	Frequência de ocorrência		Trecho das repostas
	Absoluta	Percentual	
Perseguição	14	73,68%	"...tenho lembrança de uma que foi bem marcante, em um momento que eu tinha ido numa livraria/loja comprar alguma coisa e as vendedoras ficaram me seguindo.
Agressão verbal	3	15,78%	"...já fui chamada de "pobre" e "burra" por estar vestida com a farda do governo"
Impedimento de acesso a local	2	10,52%	"me impediram de entrar no prédio onde eu moro porque eu estava com a farda...."

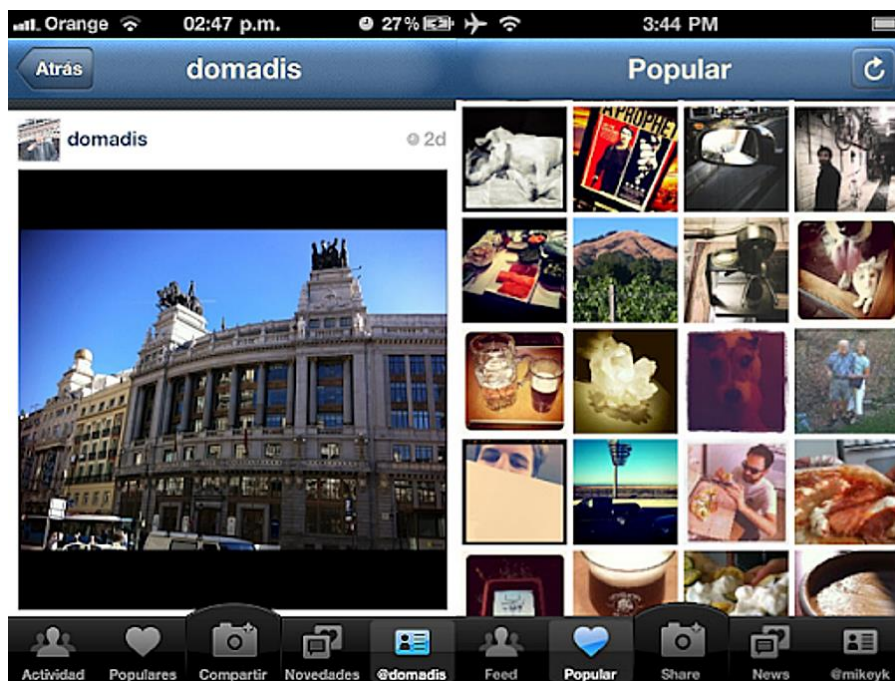
Deste modo, é possível afirmar que 73,68% dos alunos que sofreram preconceito foram perseguidos ou seguidos em espaços públicos e privados, 15,78% foram vítimas de agressão verbal e 10,52% foram impedidos de entrar em algum espaço, sendo ele público ou privado. Quando cito neste tópico que este trabalho é relevante, penso nestes números. Em uma planilha, vemos números ligados a categorias e geralmente não se lembra que cada número desse diz respeito a uma pessoa. Pessoas essas que foram humilhadas, agredidas e até mesmo tiveram seu acesso negado a espaços como o prédio em que moram. Os números aqui são importantes também para alertar que, apesar do sucesso que o fardamento tem feito na internet, os casos de intolerância e preconceito ainda existem na vida de muitos jovens no estado.

4.4 ANALISANDO O INSTAGRAM/NETNOGRAFIA

Quando falamos em tendência de 2010, é possível lembrar das estampas de caveira nos mais variados tamanhos, dos tênis de salto alto que traziam um visual super despojado, das cores neon que estavam presentes nas roupas e acessórios e também de uma nova mania entre os jovens, postar fotos no Instagram. Criado em 2010, a rede social Instagram foi elaborada pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. Dentro desses quase 15 anos, a plataforma acumula

1.2 bilhão de usuários, entre estes 95 milhões são brasileiros²⁰. Dentro da plataforma, era e ainda é possível escolher um filtro de cor para editar as fotos advindas da galeria do celular.

Figura 8 – Captura de tela do feed de Instagram²¹



A princípio, o intuito era a divulgação de fotos pessoais, mas depois de alguns anos e muitas mudanças, inclusive a incorporação da plataforma a Meta, empresa de Mark Zuckerberg, o Instagram passou a ser uma plataforma também para vídeos. Os *stories* foram lançados em 2016 com muitas polêmicas e acusações de plágio na plataforma digital Snapchat, a ferramenta permitia aos usuários compartilhar vídeos de até 15 segundos que desapareceriam em 24h. O *reels*, é um recurso de vídeo disponibilizado para testes em 2019, ele permite aos usuários publicarem vídeos verticais de até 1 minuto no *feed*. É impossível não citar redes como X – antigo Twitter –, Snapchat e TikTok nesta pesquisa, a briga entre os gigantes da comunicação digital moderna é acirrada, vários casos que serão aqui citados começaram em outras plataformas. Porém, para escolher a rede social em que seria realizada a netnografia era necessário que ela concentrasse todas as informações que são vindas das outras redes. Nestes aproximadamente 15 anos de Instagram, a plataforma oscilou, teve

²⁰ <https://www.mlabs.com.br/blog/novidades-do-Instagram#:~:text=O%20Instagram%20est%C3%A1%20entre%20as,e%20sempre%20traz%20novas%20funcionalidades>

²¹ Disponível em: <<https://plugarideias.wordpress.com/2020/10/09/10-anos-do-Instagram-linha-do-tempo-mostra-a-evolucao-da-rede-social/>> Acesso em 09 mar. 2024

seus altos e baixos, mas é impossível negar que apesar de algum tempo, posts do X, Facebook e TikTok sempre chegam ao Instagram. Para realizar as análises a seguir, foram coletados dados de três perfis durante o mês de outubro de 2023, os materiais coletados são referentes às postagens do *feed*, sendo fotos ou *reels* e também *stories*. Os perfis foram escolhidos de acordo com a relevância e conteúdo aproximado ao tema da pesquisa.

4.5 ANÁLISE NETNOGRÁFICA DE PRODUTORES DE CONTEÚDO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

4.5.1 @hugogmoreira

Hugo Moreira, natural de Lagoa do Barro, ficou conhecido na internet quando fez um vídeo dançando a música “Rolê”, um viral de Tarcísio do Acordeon e Marcynho Sensação, ao lado de Thamires Lacerda, amiga da escola. Os dois eram estudantes na Escola de Referência em Ensino Médio Inojosa de Oliveira em Araripina, sertão pernambucano. O vídeo, que alcançou mais de 53 milhões de visualizações no TikTok, rapidamente se tornou um viral e chegou ao Instagram. Fazendo muito sucesso na plataforma, o vídeo chamou bastante atenção para o estudante e sua amiga. É possível encontrar o vídeo em 3 publicações no seu *feed* do Instagram, em uma delas a legenda diz “Espero que viralize igual no app vizinho”. É importante neste ponto saber que quando se fala em “app vizinho” ele está se referindo ao TikTok, e isso não é uma exclusividade do perfil de Hugo, os usuários do Instagram referem-se assim a rede chinesa com medo de sofrerem rebordosas da plataforma norte-americana, espalhou-se um boato digital que mencionar o nome dessas redes nas concorrentes pode prejudicar o engajamento.

Figura 9 – Captura de tela do Instagram @hugogmoreira



Hugo concluiu o ensino em 2022, o que não o impediu de fazer diversos conteúdos nas plataformas digitais vestindo a camisa disponibilizada nas escolas estaduais. Apesar da frequência de *posts* ser mais escassa, e o conteúdo com a farda passar a ser inexistente no período em que o perfil foi analisado, o que chamou atenção foi a quantidade de publicidade veiculada nos stories. Durante o acompanhamento mensal, Hugo ficou onze dias sem qualquer publicação porém nos dias em que foram feitos *posts*, em todos foi possível notar a presença de publicidade para empresas de jogos de azar online. 1xBet, BBR jogos, Blaze, Gggwg, Uranos e Bet do Sertão foram as empresas citadas por ele nos stories em que oferecia prêmios no pix para quem cumprisse desafio ou tutoriais de como jogar nas plataformas mencionadas. As *bets* como são conhecidas as empresas de jogos de azar online, são parceiras muito frequentes de influencers. Em dezembro de 2023, a Blaze, mencionada na lista de divulgação do jovem, foi alvo de investigação por promoção de jogo ilegal. Em conjunto com a empresa todo o quadro de criadores de conteúdos também foram alvo da investigação. Até o presente mês, Hugo não se pronunciou sobre o caso.

4.5.2 @daysilvaax

Dayana Silva é estudante na EREM Dom Miguel de Lima Valverde, escola situada no município de Caruaru. Acumulando mais de 190 mil seguidores no Instagram, os conteúdos da jovem são variados e as atualizações do perfil são diárias. Dayana começou a chamar atenção e a ganhar mais seguidores, quando um vídeo seu foi postado no perfil @bregabregoso²². Conhecido por divulgar fotos, vídeos, memes e notícias ligados ao movimento do passinho e ao cotidiano dos jovens pernambucanos, o Brega Bregoso acumula 2,7 milhões de seguidores.

Figura 10 – Captura de tela do Instagram @daysilvaax



Durante o período de monitoramento dos perfis, somente em um dia não houve qualquer *post* no *feed* ou *stories* de Dayana. Ainda durante a análise, foi possível perceber uma semelhança de conteúdo com o primeiro perfil, Hugo Moreira. Durante 20 dias, a estudante fez publicidade para casas de apostas online. BBR Bet, 1991 Bet e Bet 558 foram as casas citadas e/ou mencionadas em vídeos de tutoriais e relatos da jovem. Assim como no perfil do ex-estudante, brindes eram disponibilizados no perfil da influenciadora. Além dos “joguinhos”, Dayana produziu com constância vídeos e fotos no ambiente escolar, seja estudando ou fazendo coreografia de

²² <https://www.instagram.com/p/CxF6S-aA0ec/>

músicas que viralizaram. Do período mensal de acompanhamento, foram 16 os dias em que a influenciadora apareceu com amigos ou sozinha exibindo a farda da escola ou farda disponibilizada na rede estadual.

4.5.3 @sezinho @thejessicaxx

Até dezembro de 2023, o *user* da influenciadora Jéssica era @sezinhox, mas em janeiro de 2024 foi alterado para @thejessicaxx. A produtora de conteúdo postava vários vídeos no Instagram e X, fazendo dublagens de suas músicas preferidas que, predominantemente, eram de divas do pop. No dia 7 de julho de 2023, um vídeo em parceria com seu amigo Gustavo Santana viralizou. Nas imagens, Jéssica andava pelas ruas de Olinda vestida com o fardamento das escolas públicas do estado, dublando alguns versos da música “Princess Diana” de Nicki Minaj com parceria de Ice Spice. O vídeo começou a chamar bastante atenção entre os jovens brasileiros no X, sendo compartilhado diversas vezes. Dessa forma, o vídeo chegou até a *timeline* da intérprete oficial da música, Nicki Minaj. A cantora republicou a produção com a legenda “Happy Cinco De Mayo”²³ e o *tweet* virou notícia nos jornais e principais portais de notícias de Pernambuco. É possível afirmar que após a atenção recebida, a influencer passou a criar mais conteúdos semelhantes ao do vídeo que foi sucesso.

Figura 11 – Captura de tela do Instagram @thejessicaxx



²³ Apesar deste dia celebrar o orgulho mexicano, é comum que na América do Norte as pessoas conectem e confundam o feriado como se neste dia fosse celebrada a cultura latina.

Figura 12 – Captura de tela do X @NICKIMINAJ



Jéssica teve a maior frequência de postagens de todos os perfis analisados até aqui. De 1º de Outubro a 1º de Novembro a influenciadora postou todos os dias, destes, em 30 ela apareceu em fotos ou em vídeos gravados com a parceria dos seus amigos Gustavo e Giovanna. A aparição e referência às famosas cantoras da cultura pop também eram frequentes, Jéssica produziu vídeos regravando em forma de dublagem clipes da Ice Spice, que notavelmente é uma referência para a influenciadora. Com seus cabelos ruivos e curtos, Jéssica aparecia dentro do seu quarto falando sobre sua vida e seu cotidiano, ao fundo era constante a presença de um *background* específico, uma bandeira dos Estados Unidos colada na parede e algumas fotos da cantora norte-americana citada neste bloco. Durante a análise deste perfil, também foi possível constatar que o conteúdo de Jéssica, é muito compartilhado e replicado em páginas de memes que são ligados a cultura pop, o que rende a produtora de conteúdo um público fiel e que sempre engaja suas publicações.

5 O FARDAMENTO DA ESCOLA PÚBLICA COMO CELEBRIDADE

Para falar do fardamento das escolas públicas estaduais de Pernambuco como celebridade, é necessário entender que a influência da cultura periférica da região metropolitana da capital do estado foi a grande responsável pelo sucesso do fardamento na internet. O brega-funk e o passinho estão diretamente ligados às primeiras produções de conteúdo com o fardamento. Em 2021, o perfil do Instagram @bregabregoso compartilhou uma postagem comemorando o sucesso que os vídeos estavam fazendo. Na mesma época, Victor Melo, influencer pernambucano, produzia vídeos de humor utilizando situações de humor que estavam diretamente ligadas ao cotidiano dos jovens, não só da capital, mas de todo o estado. Enquanto isso, nomes como Anderson Neiff, Luiz Henrique Galvão e Kleyton Tralha divulgam suas músicas e danças em apps de compartilhamento de vídeo.

Figura 13 – Captura de tela do Instagram @bregabregoso



O que os cantores/dançarinos e o humorista citados acima tinham em comum na produção dos seus vídeos eram um mesmo objeto: o fardamento das escolas públicas estaduais. Enquanto, na produção de conteúdo, o objetivo era destacar o fardamento, a audiência se empenhava em comentar sobre a identificação gerada a partir dos vídeos compartilhados. Os comentários em posts como os de Victor Melo, por exemplo, falavam sobre situações semelhantes, continham relatos pessoais e, a cada vídeo, o público pernambucano ficava cativo deste tipo de conteúdo. Quase um ano após o post acima, o cantor João Gomes, 19, gravava seu primeiro DVD na capital pernambucana. Natural de Serrita, no sertão do estado, ele lotou o Marco Zero com 150 mil pessoas numa noite de quinta feira. Um momento específico do show chamou atenção: o cantor, que também foi estudante de escola pública, recebeu no palco uma farda do ensino público estadual e fez um comentário:

Figura 14 – Captura de tela do X @jc_pe



Já em 2023, o fardamento ganhou destaque em outro estado, desta vez com o influenciador Hytalo Santos. Natural da Paraíba, Hytalo começou a produzir conteúdos de dança e estilo de vida para a internet. Devido à proximidade geográfica entre os estados da Paraíba e Pernambuco, o influenciador (que atualmente possui

mais de 14 milhões de seguidores no Instagram) fazia colaborações com criadores de conteúdos pernambucanos e dançava as músicas que faziam sucesso em seus vídeos. Conhecido por promover festas, em maio de 2023 ele produziu um encontro em São Paulo com o tema escola. Durante vários dias, ele convidou influencers nordestinos e sudestinos para participar do evento que promoveria disputa de dança, sorteio de Iphones e bebidas alcoólicas - ainda que grande parte dos convidados fossem menores de idade. Hytalo fez mistério sobre o que usaria na festa já que era uma exigência que os convidados fossem de acordo com o tema e na terça-feira dia da festa revelou sua fantasia.

Figura 15 – Captura de tela do Instagram @hytalosantos



Em todos os casos, como vemos, o fardamento que antes era alvo de piadas e motivo de vergonha, se transformou, então, em um símbolo de orgulho. Conhecida como a “farda do TikTok” ela agora brilha em festas, vídeos e até ações do próprio governo do estado que se beneficia da fama recente. Sua presença e seu uso, assim,

extrapolaram muros de escolas e o corpo de estudantes da rede pública estadual pernambucana. Mas, como aponta Moraes (2022) os uniformes escolares ganharam o debate público bem antes do *boom* entre jovens TikTokers.

"Em 2019, um vídeo que **mostrava um rapaz comprando** uma camisa distribuída gratuitamente para estudantes por R\$ 150 viralizou. Em 2018, uma matéria mostrou que fardamentos dos ensinos municipal e estadual do Rio eram **vendidos em uma feira** em Assunção, no Paraguai. Uma busca rápida em sites mostra que as fardas cariocas continuam sendo objeto de desejo, sendo, por exemplo, vendidas entre R\$ 19,90 e R\$ 32 em uma loja na **Shopee**. Na **OLX**, camisas do ensino público pernambucano também se tornaram comuns." (Moraes, Fabiana. O uniforme da rede pública é motivo de estigma e objeto de desejo de tiktokers. Intercept Brasil, Rio de Janeiro, 26 de julho de 2022.)

Semelhante ao caso do Rio de Janeiro, as plataformas de venda online também mostram a farda das escolas públicas pernambucanas sendo vendidas em dólar, moeda norte-americana.

Figura 16 – Captura de tela do X @bregabregoso



5.1 O UNIFORME ESCOLAR NO BRASIL

No Brasil, a primeira instituição de ensino a adotar o uso da farda ou uniforme foi a Escola Normal, criada em 1835, com sua primeira sede no Rio de Janeiro. A instituição formava professores para atuar no magistério do ensino primário.

“A prática das escolas em estabelecer o uso da mesma roupa entre os alunos possui sua origem no exército, uma das primeiras instituições a adotar uma vestimenta única para todos os seus militares. Os uniformes escolares começaram a ser utilizados por volta de 1890 pelos estudantes da Escola Normal, responsável pela formação de professores. As escolas mais tradicionais passaram a adotar o uniforme, de fato, somente na década de 20. Já as demais, na década de 30”. (PERCÍLIA, Eliene. [S.D.]²⁴ "Uniforme Escolar"; Brasil Escola).

Seguindo o exemplo da Escola Normal, as escolas tradicionais do Brasil aderiram ao uso das fardas. A intenção era basicamente, assim como no exército, era que os estudantes zelassem pela imagem da instituição transmitida através da farda, que continha símbolos e cores específicas.

“Entre as décadas de 40 e 70, o uniforme de uma instituição conceituada era um símbolo de aceitação social, sendo o sonho de muitos alunos e pais. A partir da década de 90, as escolas, principalmente privadas, mudaram bastante os modelos de seus uniformes, fazendo roupas mais confortáveis e descoladas”. (PERCÍLIA, Eliene. [S.D.] "Uniforme Escolar"; Brasil Escola).

Segundo Percília (S.D.), desde a instituição do fardamento no ambiente escolar como item obrigatório, ele serve também para padronizar os estudantes de cada organização. O fardamento auxilia ainda na garantia de segurança interna, já que apenas os alunos devidamente matriculados conseguem obter a farda das escolas. Além de ser um fator que contribui para na economia doméstica dos pais, tendo em vista que o desgaste do uso diário faria com que os responsáveis tivessem que investir muito mais na obtenção de peças de vestuário para os seus filhos.

Então, desde que as fardas foram instituídas como uniforme obrigatório dos alunos de instituições privadas e públicas, os argumentos mais usados para a viabilização do uso seriam: a padronização, a segurança e a economia. Porém, em

²⁴ Sem data.

seu artigo, Beck (2014) salienta que os uniformes concediam status, poder, pertencimento, distinção e diferenciação social àqueles que o trajavam. A depender da instituição de ensino, os uniformes escolares acabavam sendo caracterizados como artefatos de “distinção intelectual”. A utilização dos uniformes também serviu a um movimento social de segregação, uma vez que não apenas identificava e diferenciava os sujeitos pelos seus pertencimentos escolares e religiosos, como também demarcava aqueles que estavam à margem desse processo educativo. Beck acrescenta:

“[...] parece-me que os uniformes são atravessados, sustentados e marcados por conotações de gênero, eles carregam significações sociais e culturais de seu tempo e contexto e posicionam os sujeitos num jogo no qual o esperado é, justamente, que logo se identifiquem com determinados modelos para eles/as projetados”. (Beck, 2014, p.138).

A autora ainda ressalta a pesquisa de Inés Dussel (*apud* Beck, 2014) de que os uniformes, ao longo da vida escolar, cumprem um papel regulador. Através do fardamento escolar, as crianças e jovens incorporam noções e normatizações sobre o poder, limites, pudor e a transgressão. Segundo Dussel (2014), a roupa já foi e ainda é um meio de exercer a regulação das populações e dos corpos. “A roupa marca o sujeito tão profundamente como uma incisão cirúrgica, ligando os indivíduos por meio de sistemas de significação que se convertem em signos.” (Dussel *apud* Beck, 2014, p. 142).

Em *Psicologia do Vestir*, Umberto Eco (1982) afirma que o vestuário é comunicação, e fundamenta através da semiologia a sua afirmação. Eco (1982) fala do desenvolvimento da comunicação em conjunto com o desenvolvimento humano, exemplificando através dos homens primitivos que usavam suas amígdalas para bradar e/ou afastar algum possível perigo. Segundo o autor, “As amígdalas não são um meio de comunicação, mas são usadas para tal, então as primeiras indumentárias feitas pelos primeiros habitantes da terra também eram uma forma de se comunicar e até hoje fazem parte dela” (ECO, 1982, p. 13).

No Brasil, os uniformes escolares passaram por muitas mudanças muito ao longo dos anos. No artigo *Nem Tão Distantes: Relações Entre o Uniforme Escolar e a*

Moda Europeia (2013), as professoras Claudia Schemes, Denise Castilhos de Araujo e Ida Helena Thön, relatam a interferência direta da moda europeia nas roupas elaboradas pelas escolas. Em 1850, os fardamentos tinham como “objetivo identificar alunos de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma.” (ARAÚJO; SCHEMES; THON; 2013, p. 3). As professoras também citam como exemplo o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O fardamento era muito semelhante ao do exército, e para que chegasse ao modelo atual, a moda e os regimes do governo interferiram diretamente nas fardas das escolas. Já na Fundação Evangélica, no interior do Rio Grande do Sul, as autoras relatam que, em 1915, havia uma rigorosa fiscalização quanto ao uniforme das estudantes. Neste mesmo período, era nítida a presença da influência da estilista francesa Coco Chanel nos detalhes dos fardamentos,

“A saia azul pregueada, a blusa branca com gola de marinheiro, completados por meias e sapatos (borzeguins, como eram chamados, ou então, os sapatos com pulseira no tornozelo) e as cores usadas também demonstravam o gosto da estilista, que as usava muito em suas criações”. (Araújo; Schemes; Thon; 2013, p. 7).

Já no período do regime militar brasileiro (1964/1985), em meio a mudança no estilo dos jovens, a liberdade e a contestação eram as palavras da moda. Porém, as escolas públicas não acompanharam tal mudança: apesar da popularização do jeans e camiseta, eles não podiam ser utilizados. A partir dos anos 1990, o fardamento escolar assumiu certa afinidade com as roupas utilizadas pelos jovens. Isso mostra, então, que o uniforme não está mais tão distante daquilo que as crianças, jovens e adolescentes vestem no cotidiano, “o uniforme passa de uma indumentária de uso restrito (ambiente escolar) ao uso não mais circunscrito a escola. Concluímos, assim, que o uniforme escolar adquire status de roupa de grife” (ARAÚJO; SCHEMES; THON; 2013, p. 15).

O fardamento escolar gerou e ainda gera muitas reflexões. Como era possível, por exemplo, que todos pudessem ter acesso? Esse era um desafio estrutural, já que a maior parte dos estudantes das escolas públicas no Brasil pertencem a famílias de

baixa renda. Em uma reportagem no portal de notícias G1²⁵, foi divulgada a *Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira* (2012), um estudo do IBGE. Os dados mostraram que naquele ano 8,6% dos estudantes matriculados no ensino médio da rede pública pertenciam a famílias com renda per capita na faixa dos 20% dos mais ricos do país. Enquanto 3,8% dos estudantes pertencentes a famílias pobres, estavam na rede privada. Ainda com a necessidade de promover condições igualitárias para os estudantes e visando a melhor organização das instituições de ensino, políticas públicas foram e ainda são desenvolvidas pelo Governo Federal. Em 2007, o Senador Garibaldi Alves Filho apresentou ao congresso nacional a já citada proposição de alteração na Lei nº 9.394 de 1996, já citada na introdução, que instituiu o uso de fardamento obrigatório nas escolas públicas.

25

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/11/ensino-medio-publico-tem-86-de-estudantes-de-familias-ricas-diz-ibge.html>

6 CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados tanto na pesquisa netnográfica com os influencers quanto no formulário quali-quantitativo, é possível responder ao principal questionamento proposto por esse trabalho. Sim, os estudantes das escolas públicas ainda são alvo de preconceito. Também foi possível compreender, a partir dos dados trazidos por pesquisas, que os estudantes de escolas públicas são majoritariamente pobres. Entendendo que a pobreza é um fenômeno e o seu significado depende da análise das condições humanas, mas que no geral está ligada diretamente às desigualdades estabelecidas por um sistema econômico. Sendo assim, foi possível concluir também que a manutenção da pobreza está ligada diretamente ao poder e à riqueza. Rojek (2012) escreveu que “a mobilização global requer apegos econômicos para ser inovadora, flexível e alienável, ela pressupõe um sistema de comunicação massa que é confiável, versátil e ubíquo”. (Rojek, 2010, p. 203).

A pesquisa netnográfica foi um importante termômetro para sentir o clima de quem atualmente carrega o fardo. Na netnografia, foi possível constatar que sim, as coisas mudaram, os influencers ganham dinheiro fazendo vídeos com o fardamento, porém vimos também na pesquisa quali-quantitativa que os casos de preconceito ainda existem. Atualmente temos influencers e seguidores que, quando saem da escola, ainda exibem seus fardamentos com orgulho. A “farda do TikTok” viajou mais que muita gente, são registros em pontos turísticos famosos como a Torre Eiffel e as ruas de Madrid na Espanha.

Figura 17 – Captura de tela do Instagram @bregabregoso





Agora podemos presenciar o fardo virando fama, alunos fazendo publicidade e ganhando dinheiro. Em 3 anos, de 2020 a 2023 vimos o processo de celebrificação de um objeto tão simples, uma camisa de algodão, que para muitos rende curtidas e até trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nara Gabriela Nascimento. **A importância da metodologia científica através do projeto de pesquisa para a construção da monografia.** Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação. 2016.

ARAÚJO, Denise Castilhos de; SCHEMES, Cláudia; THÖN, Ida Helena. **“Nem tão distantes”: Relações Entre o Uniforme Escolar e a Moda Europeia – Um Estudo de Caso.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. 2013.

BARDIN, LAURENCE. **Análise de conteúdo / Laurence Bardin: tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro.** São Paulo, Edições 2016.

BECK, Dinah Quesada. . **Uniformes Escolares: Delineando Identidades De Gênero.** Revista HISTEDBR On-line. 2014.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. **A POBREZA COMO UM FENÔMENO MULTIDIMENSIONAL.** RAE-eletrônica, Volume 1, Número 2, jul-dez/2002.

DOWBOR, Ladislau. 1941. **A era do capital improdutivo: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?.** São Paulo : Autonomia Literária. 2017.

DRIESSENS, Olivier. **A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade.** 2012.

DUARTE, Jesús. GARGIULO, Carlos. MORENO, Martín. **Infraestrutura Escolar y Aprendizagens en la Educación Básica Latinoamericana: Un Análise a Partir Del SERCE.** Washington, D.C.: International Development Bank. 2011.

ECO, Humberto. **O hábito fala pelo monge.** In: ECO, Humberto ET alii. **Psicologia do vestir.** 3.ed. Lisboa, Assírio e Alvim. 1989.

FONSECA, J. J. S. **Apostila de metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, Grayci Kelli Alexandre & LEÃO, A. L. M. S. **Concepção da netnografia da comunicação: uma abordagem aplicada à pesquisa em administração.** Revista eletrônica UFPE; GESTÃO.Org – Vol. 10, N02, p.211 – 228, maio/ago.2012. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/21722/18360> Acesso em Fevereiro de 2024.

HARDING, Sandra. **Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo.** DOI: 10.12957/emconstrucao.2019.41257.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2018.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro. 2018.

DUARTE, Jesús. **Infraestructura escolar y aprendizajes en la educación básica**

latinoamericana: Un análisis a partir del SERCE. 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** São Paulo: Abril Cultural. 1976.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares : reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul).** 2010

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas.** Intercom - RBCC São Paulo. 2017.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORAES, Fabiana. **O uniforme da rede pública é motivo de estigma e objeto de desejo de TikTokers.** Intercept Brasil, 2022.

MORAES, Fabiana. **É tu nada, estrela: revista Caras e o consumo da felicidade nos salões de beleza da periferia.** 2011.

MORAES, Fabiana. **Celebridade e pobreza no Instagram: adesão e oposição aos modelos de alta visibilidade na tensa busca pelo direito de ser visto.** 2020.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy. Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Das materialidades da escola: o uniforme escolar.** USP. 2012.

RUFINO, Priscila de Moraes. **A PRODUÇÃO DA POBREZA NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA.** VII Jornada Internacional Políticas Públicas jul-ago/2017.

SOUZA, Davisson C. C.; VAZQUEZ, Daniel A. **Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho.** Educ. Pesquisa., São Paulo, v. 41, n. 02, p. 409-426, abr./jun. 2015.

VIEIRA DA CUNHA, Neiva. VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. **História e Antropologia.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

SITES

ABRANTES, Talita. "Os bairros do Brasil que poderiam estar na Noruega". Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-bairros-do-brasil-que-poderiam-estar-na-noruega/> <<Acesso em 10 de Novembro de 2019>>

BRASÍLIA, Constituição (2007), Art. 70 da Lei nº 9.394. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=535206 <<Acesso em 15 de Novembro de 2019>>

"Comissão aprova fornecimento de uniforme escolar na educação básica pública"; *Camara dos deputados*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/494062-comissao-aprova-fornecimento-de-uniforme-escolar-na-educacao-basica-publica/> <<Acesso em 23 de Novembro de 2019>>

PERCÍLIA, Eliene. "Uniforme Escolar"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/volta-as-aulas/uniforme-escolar.htm>

<< Acesso em 19 de novembro de 2019. >>

"Volta às aulas e a história que ninguém contou sobre os uniformes escolares gratuitos"; *Uol*. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/dino/volta-as-aulas-e-a-historia-que-ninguem-contou-sobre-os-uniformes-escolares-gratuitos%2C488ba5d26eeebfae1ebe9fbbec37f3a2pih7ylyr.html>

<<Acesso em 21 de novembro de 2019>>

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/92/67>

<<Acesso em 24 de agosto de 2023>>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/apenas-45-das-escolas-tem-infraestrutura-completa-prevista-em-lei-diz>

<<Acesso em 20 de novembro de 2019>>